



# Chapolin Colorado: o triunfo da imperfeição

Paulo Quintana (02)/R

- *Calma, calma, não criemos pânico!*
- *Suspeitei desde o princípio!*
- *Todos os meus movimentos são friamente calculados!*
- *Não contavam com minha astúcia!*
- *Sigam-me os bons!*
- *Aproveitam-se de minha nobreza!"*

A meu ver são todas frases características de uma pessoa extremamente insegura. E aí está a graça do Chapolin Colorado!

Ele utiliza todas essas falas sempre com o intuito de cultivar uma imagem de seguro, de controle da situação. Justamente tentando mascarar o que realmente é, algo que sua figura colabora enormemente para "deixar escapar" aos olhos de todos: franzino, desajeitado, estabonado, e longe de ser um primor de beleza. Sobretudo, é medroso, e muito! Entretanto isso não o impede de absolutamente nada! Enfrenta tudo e todos os desafios a que é submetido. Eis o tipo de coragem admirável: mesmo titubeante e temeroso, não foge. Tem coisa mais descômoda que fazer algo com medo e insegurança?

De tanto passar por essa situação em inexorável continuidade o Vermelhinho parece já nem ter no plano consciente suas deficiências naturais! Não consegue passar uma imagem de segurança, muito pelo contrário. Fica óbvia a pateticidade em suas "frases de efeito"! Mas a quem todos recorrem quando precisam? A ele mesmo! Sempre! Quando ele aparece todos ficam contentes e aliviados: sabem que ali está um valente medroso.

Será que a imagem de inabalabilidade é tão atraente assim? As pessoas em seu cotidiano precisam, confiam, convivem, procuram os Chapolins ou os superheróis inabaláveis, que se gabam por terem vantagens inúmeras sobre os simples mortais? A perfeição é sem-graça, é o fim dos desejos.

Não é pra menos que o seriado foi dublado em dezenas de línguas, chegou a ser líder de audiência em todos os países onde passou, foi e é um sucesso sem precedentes em toda América Latina.

Ao menos a mim chega a ser irritante a perfeição pregada em novelas brasileiras e filmes de Hollywood. Não me faz sentido, não me traz identificação alguma o mundo onde todos são modelos, descolados, bem-sucedidos! Pertencço ao mundo dos imperfeitos, ao mundo do fabuloso Polegar Vermelho!



## ERRATA e NOTA DO REVISOR

No BOCA nº 22, de 08.10.03, o texto "Críticas que não dá pra não comentar" foi publicado com as datas incorretas. Assim, em lugar de 19, 20, 21 e 24 de setembro, o correto é 12, 13, 14 e 17 de setembro, respectivamente.

A partir desta edição, a revisão segue, estritamente, o que determina norma escrita específica estabelecida pela CO do BOCA: verificação da ortografia. Portanto: pontuação, sintaxe, semântica etc. não são consideradas. Nesses termos, o texto que contém um " - R" após a indicação de autoria foi revisado. O que não o contém não foi revisado, porque se atendeu solicitação (de não revisão), expressa por quem o enviou, ou porque, em condições normais, foi aceito, extraordinariamente, fora do prazo. Poema também não é revisado. Um texto revisado não indica necessariamente que o original contém termo(s) incorretamente grafado(s), e um texto não revisado não está necessariamente grafado sem erro(s).

Colaboradores(as) têm enviado textos que não se enquadram em diversas normas escritas estabelecidas pela CO para os aceitar. Isso pode estar ocorrendo talvez por desconhecimento ou esquecimento delas. Brevemente, o boletim voltará a divulgá-las.

### Laboratório Psicanálise e Sociedade

Universidade de São Paulo - Instituto de Psicologia - Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Pontifícia Universidade Católica de S.Paulo

Faculdade de Psicologia - Departamento de Métodos e Técnicas convida para Ciclo de Palestras abertas ao público:

#### Ética e política: contribuições da psicanálise

Palestra em 27.10.03

#### SADE A felicidade libertina

Eliane Robert de Moraes (professora de estética e literatura na PUC-SP)

Segunda-feira, às 13h na sala Banespa, PUC-SP.

Coordenação: Prof. Dra. Miriam Debieux Rosa

# Movimento Estudantil?

## Ou sobre a submissão do pensamento dos estudantes às suas próprias práticas

Mariane Ceron - R

O que parece mais impressionante no Movimento Estudantil hoje é a incapacidade manifesta de ser movimento e de ser estudantil. Na melhor das vezes, são estudantes competindo pela maior "crítica" e melhor "práxis". Acusam-se uns aos outros pelo status quo, pela maneira como sentem a realidade. Angustiam-se por partirem do princípio onipotente de serem os únicos responsáveis por esta, e, assim, pela transformação desta: que pensam poder, a despeito de tudo. Desta forma sentem ser os únicos responsáveis pelo que continua a acontecer, a despeito de seus "nascimentos críticos" e seus "saberes humanitários". Equivocam-se com o que seja ser "sujeito histórico", usam este conceito para justificar os atos de violência que cometem contra aqueles que bem entendem, na maioria das vezes, eles mesmos. Desde que "nasceram criticamente", são os únicos sujeitos históricos, completamente onipotentes ante a história: eles pensam estar imunes a ela. Ou melhor, são estudantes que, negando aquilo que intuem dever criticar<sup>1</sup>, perdem a autocritica e se enraivecem. Perdem a capacidade de reflexão assim que aderem à idéia falsa de participação que lhes é oferecida, submetendo seus pensamentos a ela.

Não é movimento por que não está presente sequer nas principais discussões importantes dos dias atuais. Por dois motivos principais.

O primeiro motivo é que de fato não é convidado O que não deveria servir, como tem servido ultimamente, de justificativa para seu sumiço, uma vez que épocas de maior indesejabilidade do movimento estudantil, ele ainda tinha mais voz do que hoje, em plena "redemocratização nacional" (será?). Antes ele aparecia, pois ainda intuía que tinha algo a dizer. Sentia sua aparição como algo necessário, estudava mais profundamente tanto a própria sociedade quanto a própria universidade, tinha projetos e algum rudimento de identidade própria, assim como discordâncias internas de ideais, modos de "ação" e expectativas. Com todas as limitações, era algo, conseguia manter uma mínima tensão entre aquilo que faz, executa dia a dia, e o próprio pensamento. Hoje, os estudantes se degradam para encontrar o motivo pelo qual desapareceram e não

possuem opinião sobre nada mais de relevante. Neste sentido, diga-se de passagem, não é estudantil. Sente que tem espaço para participar, mas se ilude quanto à eficácia destes espaços. São os únicos espaços que lhes permite ser alguma coisa. Sente-se presente, mas acaba servindo o café daqueles que de fato decidem. Os estudantes militantes já não sabem mais como justificar para si mesmos o que fazem nos "espaços de decisão". Já os estudantes militantes que "não acreditam mais nestes espaços", estes costumam se perder na própria mania de não acreditar, se embebendo de uma ilusão de anarquismo prático, pensam gozar, do dia para a noite, de sexo livre e uma vida libertária sem precedentes: o que importa é a imagem. O fundamento desta palhaçada acaba sendo, na maioria das vezes, o financiamento dos pais aliado à preguiça de estudar, além da vontade de "pertencer ao grupo de esquerda", sem ter que trabalhar como os militantes. O movimento estudantil não é mais respeitado, não leva a sério sequer as ilusões nas quais tem acreditado ultimamente. Sofre e se enraivece de sua própria miséria.

O segundo motivo são as mais diversas manifestações provenientes da situação de não ser nada e de não estar presente. Hoje os estudantes se atacam para colocar a culpa de sua desaparecimento nos próprios estudantes, cuja assimetria de poder é dissolvida pela aparência de que todos são estudantes da mesma forma, possibilitando o extravasamento imediato e sem medo de suas agressividades e angústias nos "colegas". Os estudantes, entre eles, são lobos, não pensam em como se portar, como expor suas brilhantes críticas, e mostram toda força e poder suprimidos pelas burocracias da "realidade nua e crua" nos ataques desfechados aos colegas. Mostram entre si, com voracidade, aquilo que escondem como cordeirinhos nas Comissões "democráticas", nas quais até estudantes têm sua participação garantida na medida que oferecem seus braços às ordens da "Comissão de verdade", cuja composição inclui a priori as possibilidades ou não da própria Comissão - independentemente de qualquer estudante, ou "RD".

Oprimidos, coisificados e ignorados pelos espaços políticos legítimos (não

só do âmbito da universidade pública), os militantes, em parte para manterem consigo a ilusão do poder de transformação presente na idéia politicamente correta do que seja o movimento estudantil, jogam a culpa do status quo em quem ainda pode ouvi-los, que são exatamente aqueles que acabam carregando a injusta culpa de seus próprios fracassos: aqueles que são seus pares mas, diferentemente deles, não se esgotam em Comissões e debates intermináveis, tendo escolhido de antemão cuidar de suas "próprias vidas", a revelia de qualquer coisa ou apelo de fé de participação "histórica". Agridem estes colegas para descarregar a raiva que surge da destruição, nas mesmas Comissões e debates nos quais esgotam suas vidas, dos seus próprios sonhos utópicos ou mesquinhos, cuja realização dependeria da audição, por parte destes espaços ditos públicos, de suas "idéias inovadoras nunca pensadas". O preço da destruição de seus sonhos é a cabeça dos seus colegas "não participantes" ou "participantes não críticos", que os "engajados" tanto almejam arrastar para a situação na qual se encontram: de adesão ao absurdo participativo e democrático dos dias atuais. Por mais injustificável que seja a conduta dos ditos alienados, os estudantes, por possuírem sua possível identidade calçada na reflexão, não poderiam desfechar a violência que sofrem nos outros estudantes (que dirá pacientes?) sem a mediação do pensamento, principalmente, sem a preocupação em não reproduzir a violência.

O nome "boxe" com que apelidaram, pelos corredores, a última discussão sobre currículo já diz que o movimento estudantil, não é um movimento, mas sim uma arena de agressividade de "igual para igual" - proporção que só se mantém até a formatura, momento no qual as diferenças e desigualdades entre estudantes voltam a aflorar, postos os devidos sobrenomes, famílias e lugares guardados a cada um na tão "temida e inatingível" sociedade "lá fora".

A mesma agressividade extravasada entre eles é aquela contida e reprimida em outras esferas, nas quais embora haja o estatuto oficial de igualdade participativa, o rebaixamento dos estudantes está claro na restrição de

sua participação, na melhor das possibilidades, ao "fazer técnico" da vontade de quem manda: Atualmente os engajados deste Instituto estão mergulhados, ocupadíssimos, em brigas ferrenhas por cerveja no bar, banheiro de shopping e ar condicionado nas salas; têm inveja daquilo que as fundações fizeram pelas outras unidades.

A mediocridade do não-movimento não-estudantil hoje é a propensão aos debates emocionados de fé: a competição entre quem adere melhor ou pior à ilusão participativa e aos produtos das Comissões "democráticas". Da mesma forma tem ocorrido com o debate sobre práticas em psicologia: quem adere mais? Quem consegue fechar melhor o nariz e submergir sem equipamento de mergulho? Aviso aos navegantes: quem quer "conhecer a prática" não precisa fazer graduação em psicologia. Quem critica e se incomoda costuma atrair para si a raiva daqueles que já aderiram sem pensar.

Negando a única coisa que poderia servir a alguma coisa, ou seja, a crítica minuciosa das maneiras com que se resta participar ou pensar efetivamente, o estudante prefere, na maioria das vezes, puxar o saco dos algozes e não ter tempo para pensar no que concorda ou não, a fim de conseguir continuar a repetir um "fazer", envolto na crença ilusória de estar de fato participando em algo que "acredita". Isto vale também para qualquer tipo de prática psicológica, nas quais revela-se a sede por completar de vez o destino que já sabiam de antemão antes mesmo de saberem o que é, a saber: "ser psicólogo". Por isso, mais uma vez, além de não ser movimento, não é estudantil. Ao invés de pensar naquilo que determina a opção de vida dos que "não participam" ou "não fazem" que, diga-se de passagem, causa certa inveja aos "militantes" ou aos "semi psicólogos eufóricos" já cansados de suas onipotências ilusórias, estes atacam, para não ter que refletir na própria impotência ante tal realidade opressora e sobre os limites da Psicologia "prática". Se é dolorido refletir sobre esta realidade, é mais dolorido sabê-la, identificar-se a ela e preferir não tocar nesta questão.

Mas, mais medíocre do que aquilo que restou "politicamente" ao m.e. (movimento estudantil), é a face verdadeira dos estudantes, que se mostra nos poucos momentos nos quais possuem espaço para participar de fato. Impressionantemente, nestas horas, ao invés de refletirem ou estudarem, extravasam a mesquinhez de sua participação e um certo desejo oculto de que "tudo se mantenha como está". Querem, no fundo, cumprir logo seu destino, sua tragédia grega. Agora me re-

firo às horas reservadas aos encaminhamentos dos mimos dos estudantes, cuja falta de profundidade nos estudos impede de pensar para além das leis que regulam as normas de desempenho formal do que deva ser uma universidade. Falo dos momentos reservados às idéias que os estudantes têm "sozinhos", dos momentos "livres", das pautas colocadas de última hora. Nestas horas, os estudantes mostram que não podem pensar nada além daquilo que já lhes foi restrito de antemão. Jogam seus ódios no descuido de algum professor sobre algum prazo ou data (erro, absolutamente, humano), a alguma sofisticação de alguma disciplina que "não tinha o direito de mudar para melhor", a invasão de "meninos pobres" no CA, que o egoísmo institucional impede de saber que é público e cujo preconceito media o olhar, a relação, e a tal desconfiança. Para maior desespero, estas horas também estão à total disposição dos mesmos mecanismos já descritos, mas num nível maior, pois trata-se daquilo que surge "livremente" de e para os estudantes, a única coisa que o torna movimento estudantil (ou melhor, é justamente aquilo que o tem feito perder este status). São os momentos nos quais, interessadamente, os estudantes escolhem aquilo que o curso reserva de melhor para "criticar", numa tentativa oculta de reduzir a única coisa que foge ao formalismo opressor, em algo controlável, administrado, sem erros, submetido a leis (ou seja, formal e opressor). São acusações que os estudantes fazem aos não muitos professores que os escutam, e que, assim como os colegas, aparentam pouco autoritarismo e até igualdade, possuindo um comportamento mais humano do que aquele com os quais os estudantes estão acostumados: destes é exigida a pontualidade, o planejamento e a frieza formal que esgotam em primeiro plano, aquilo que os estudantes entendem por um bom profissional de educação.

As questões teóricas ficam engavetadas pela preguiça de estudar e pelo triste fato de que, neste Instituto, são confundidas com "direito", angústia com a "prática", ofensa, falta de educação, de holding etc. Além disso, não há coragem para colocá-las ante os professores mais autoritários, por motivos óbvios. Com relação a estes professores, diria que a falta de substância teórica que a ênfase na prática cega, pura e simples lhes trouxe, os joga ao desespero toda vez que algum aluno lhes lembra disso.

Mas, ponderando, nem mesmo a militância egocêntrica é efetiva. Os estudantes têm tido tanta preguiça de pensar que não levam a cabo nem mesmo os encaminhamentos a que se pro-

põem. Os estudantes hoje, militantes ou não, agarram-se com esmero às decedentes bolsas de estudos e incentivo à pesquisa que as instituições de fomento, detentoras do poder sobre a "produção" de conhecimento lhes premiam: não têm escolha e obedecem sem dar oportunidade crítica ao próprio pensar sobre isto, aceitam as migalhas que lhes resta, cumprem o destino de sempre. Os mesmos estudantes também se orgulham de serem estagiários num mundo cuja realidade empregatícia é tão difícil: não conseguem lidar com o desprendimento necessário para pensar sobre isto vivendo isto, pois este é o único caminho que lhes é reservado e que assegura alguma significação para suas próprias vidas, aceitam passivamente os destinos que lhes sobraram. Ou seja, o sentido de pensar atrela-se tão imediatamente às urgências práticas que perde o sentido. Os estudantes repetem as mesmas estruturas que os oprimem não só nos espaços políticos, mas também nas relações com os outros e nas relações amorosas, cujos formatos acabam variando entre a total libertinagem e o total autoritarismo: duas formas de violência que jamais levam em consideração o que seja o amor. Os estudantes desistem antes, e nunca pensam para além daquilo que pensam poder transformar – como se pudessem transformar desta forma.

Incapazes de dizer e criticar aquilo que de fato os incomoda, os estudantes desejam que aquilo que ainda se salva se neutralize em estruturas pouco comunicáveis, mais enrijecidas, que os possa oprimir e transformá-los de vez em autômatos completos, os liberando da tristeza e angústia que a realidade traz às suas reservas de humanidade. Por outro lado, parece que os incomoda, antes sua falta de poder e os aviltamentos de suas vontades particulares, as quais, pensam que a política deveria estar à mercê, do que com como esteja a realidade na qual efetivamente se inserem, até quando pensam estar militando.

Reduzem a possibilidade de pensar as possibilidades impostas pela prática: desprezam o pensamento e a teoria que lhes caracterizam como estudantes (ou caracterizavam?). E para que criticar aquilo que sempre foi assim? Eu diria: Para não perder o bom senso, para buscar o simples propósito de ser movimento e ser estudantil, ou melhor, de ser estudante.

(Footnotes)

<sup>1</sup> A saber, a estrutura social a qual pertencem, que se reproduz na universidade, que os reduz à total impotência política ante os fatos e espaços políticos "legítimos".

# O Maravilhoso Mundo de MariLu em Classline

Mari B. (98) e Luís (01)

Saudações, caros-amigos-futuros-psicologuinhos-ou-não! Fiquei muito contente esta semana pela participação de vocês!!! Não é que tinham vários anúncios no meu email??? Peço perdão àqueles que retornaram porque lotou a minha caixa postal!!! Sem mais delongas, vou publicar o que mais gostei:

Cafofo para os coroas casados da Leopoldina e região

Rua Leopoldina Rego, 466 - Olaria - Quase em frente a estação! (sic)

É um bar simples de um casal gay maduro (um maduro gostoso e um senhor bem interessante). Nos fundos deste bar tem uma sala que passa vídeo pornô, o tempo todo. As cadeiras são confortáveis. Mas, o mais interessante é o segundo andar, onde você sobe por uma escada caracol, onde tem um banheiro e uma área para fazer de tudo. É um local INTERESSANTE para OS COROAS CASADOS que não querem se expor em saunas, bares, boates, cinemas, banheiros etc...

Taxa: R\$ 19,00 ((e se você quiser cabine exclusiva paga + R\$ 15,00))

Acontece: Sauna seca e a va-

por; TV convencional; videobar.

Darkroom ao lado das saunas - pequenos bacanais principalmente depois das 18 horas, das segundas, sextas e sábados. No último andar: cabines livres (sem custo); além de um espaço com filmes pornôs gays. Os dias mais discretos são de segunda a quinta-feira na parte da tarde.

Público alvo: HOMENS, casados, solteiros, homossexuais, bissexuais e curiosos, mas com uma coisa em comum: DISCRETOS e adeptos do SEXO ENTRE HOMENS, ou até mesmo somente uma brincadeira eventual e saudável, sem correr riscos.

E Boa Sorte! USE CAMISINHA! (((E U V O U)))

Vá ao site e confira:

<http://br.groups.yahoo.com/group/coroasmadurosbi>

((Diversas fotos de coroas!!!))

E-mail: [coroasmadurosbi@yahoogrupos.com.br](mailto:coroasmadurosbi@yahoogrupos.com.br)

Sem mais, de mulher pra mulher, homem, semelhantes, cachorros, papagaios.... MariLu

E não se esqueçam: Eu vou!

Nota: Se vocês acham que fui eu quem escreveu esse anúncio, eu agradeço! Minha imaginação é fértil, mas nem tanto!

## VI SEMANA DO LIVRO E DA BIBLIOTECA

29-31 de Outubro de 2003

"BIBLIOTECA DIGITAL: PRESERVAÇÃO E DEMOCRATIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO"

A Biblioteca convida a comunidade do IPUSP a participar da VI Semana do Livro e da Biblioteca no período de 29 a 31 de Outubro, com a seguinte programação:

- Treinamentos para acesso às fontes de informação: BVS-PSI, Periódicos Eletrônicos, SIBiNet
- FEIRA de LIVROS e exposição de livros editados por professores e técnicos do IP em 2003
- Oficina de Papel Reciclável
- Promoção de vendas da revista "Psicologia USP" com sorteios entre os participantes da semana

Agende seu treinamento, conheça as últimas publicações do mercado editorial em psicologia, aprenda a fazer papel reciclado e descubra suas múltiplas aplicações!

SUA PRESENÇA É MUITO IMPORTANTE PARA O SUCESSO DO EVENTO!

Info: Biblioteca IPUSP Tel.: 3091-4190 e 3091-4300 E-mail: [sid@usp.br](mailto:sid@usp.br)

### Mídia e Morte: Dilemas Éticos

O Laboratório de Estudos sobre a Morte LEM/IPUSP convida para Mesa Redonda

Debatedores

• **Mayra Rodrigues Gomes** - Profª do Depto de Jornalismo e Educação da Escola de Comunicação e Artes / USP

• **Thaís Oyama** - Editora da Revista *Veja*

Coordenação: **Maria Júlia Kovács** - Profª do IPUSP / Coordenadora do LEM

Data: 17 de outubro de 2003. Horário: 19h00 às 21:30h. Local: Instituto de Psicologia Av. Prof. Mello Moraes, 1721 - Bl. B sala 20 Cidade Universitária

ENTRADA FRANCA

## Metapirose em: A Teia

Roberto(02) - R

Trabalhou trabalhou e pronto. Fez a teia. Mais densa no meio, pouca importância nas bordas. A aranha foi então para um cantinho reservado lá em cima, escondidinho, pôs-se a esperar. Se caísse no centro, melhor, difícil de sair. Disso tudo, decidia a aracnídea o que era importante. Caiu um pedacinho de folha... nada. Avoando vinha um mosquitinho, alegremente, e por muito pouco se enroscou ali no fim do mundo do tecido branco das oito patas. Não tinha razão agora hesitar, e foi ligeira abraçar a mosquita. Embrulhou-a, e a levou consigo na parte alta. Guardou, depois se alimentou e por isso vive.

A aranhoca é o inconsciente, a teia o que sabemos, e lá em cima, a gente.

# “Em BOCA fechada não entra mosca” ou “Quem tem BOCA vai a Roma”

André Mendes (97) - R

Um pouco por vontade, ou falta dela, um pouco por liberdade estilística advirto os leitores zelosos que somente se orientam por informações “verdadeiras”, ou bem fundamentadas, que este texto não se baliza por estas prescrições, no entanto, reafirmo meu convite à leitura e quem sabe à reflexão – claro, se este artigo se prestar para tanto.

Como membro da chapa do CA “Falo porque quero” (2000-2001) pude presenciar um dos momentos mais intensos da minha vida acadêmica: a discussão sobre a censura ou não no BOCA. À época, lutávamos para - o que conseguimos - fazer com que uma edição semanal do BOCA pudesse chegar às mãos da comunidade do IPUSP. Coisa impenhada - ou se pensada, infelizmente não realizada, sabe-se lá por que motivos - até então.

Lembro que logo na segunda reunião da chapa após a eleição, um dos assuntos da pauta era: “Comissão Organizadora do BOCA”, mais especificamente, o que deveríamos fazer com os textos. Eles deveriam passar por um “filtro” ou não?

As opiniões eram extremamente divergentes, basicamente polarizadas em duas idéias antagônicas: selecionar, modificar ou vetar determinados artigos ou publicar o que viesse. Para ilustrar o clima acalorado daquela reunião, cito alguns exemplos das falas que presenciei: “Devemos zelar pelo bem-estar dos alunos”, de um lado; “Devemos lutar pela liberdade de expressão”, de outro; “Isso se chama nazismo!!! Nazismo (ou era fascismo???)!!!”, alguém dizia com ar inflamado; “Vocês estão defendendo a anarquia?!?”, alguém retrucava; “Vamos defender agora a liberdade vigiada?”, algum indignado levantava a voz.

Menos de um mês de mandato e eu tinha a certeza de que daquela reunião nossa chapa não passaria. Anos de amizade seriam jogados pelo ralo.

O resultado não foi bem esse, mas, sim o que pude, com certa alegria, ler no BOCA da última semana. É certo também que houve momentos em que me arrependi ou questioneei nossa decisão, mas confesso que essa sensação não durou mais que alguns segundos.

A história de nossa chapa, do BOCA e do IPUSP está, acredito, marcada por inúmeras discussões como essa, ao con-

trário do que colocou, imagino, Ricardo quando comentou na última edição do BOCA: “Façamos este esforço de evolução em direção ao progresso pessoal e coletivo, a fim de que o ímpeto transformador e revolucionário de nossa juventude se transforme em um magnífico oásis de energia criadora direcionando nosso potencial construtivo para atividades em prol do IPUSP (como tem sido feito muitas vezes, por exemplo, com a criação do próprio BOCA e a tentativa de reforma do currículo) e não de crítica mordaz e promotora de desavença entre alunos e professores.”

Penso que a história do IPUSP foi construída nessas diferenças, felizmente. É certo que não somente de desavença se fez o IPUSP, mas muitas vezes estas deram origem a críticas que motivaram ações entre professores e alunos, alunos e alunos, professores e professores, entre outros protagonistas.

Durante quatro anos como representante dos alunos na comissão ampliada da reforma curricular, mas também dois anos antes disso, pude presenciar momentos de intensa tensão, acusações, revoltas, brigas, consensos, discussões e produção ao redor do tema “currículo do IPUSP”. Algumas delas longe de serem “sadias”, ajudaram a promover aquilo que alguns alunos julgam hoje o produto acabado e coletivo de um consenso.

Até onde me informaram, a semana de psicologia no IPUSP nasceu também da necessidade de discussão da reforma curricular.

Pouco tempo atrás, alguns alunos promoveram o enterro do currículo numa posição claramente desafiadora, impertinente na opinião de alguns. Hoje, outros - ou os mesmos que participaram daquele inusitado cortejo - comemoram o nascimento do novo currículo.

Pessoalmente acredito que a reforma curricular, o BOCA e o IPUSP são frutos de muito suor, sofrimento e lágrimas e, às vezes, de crítica que deram origem a desavenças ou de desavenças que deram origem a críticas.

Quero lembrar que algumas vezes as desavenças acontecem e em grande medida somos responsáveis por elas, inclusive por seus resultados. Longe de mim querer que as desavenças sejam livremente estimuladas ou naturalizadas,

embora, acredite que em certo grau elas são “naturais” ou pelo menos esperadas, quando não necessárias.

Não sei exatamente o que anda acontecendo nas aulas de psicopatologia, nem o que ocorreu com José Israel, mas fico feliz, mesmo considerando os “desastrosos desdobramentos”, que assuntos como esses possam estar circulando no BOCA e espero que com isso também no IPUSP.

Sobre os comentários veiculados na última edição do BOCA, gostaria de acrescentar um. Não se trata de idéia própria (de minha autoria), mas acredito que posso divulgá-la, julgando-a apropriada ao momento. Cito a fonte, Professor Renato Janine Ribeiro, menos por apresentar a autoridade que emite o argumento e mais por uma questão de respeito autoral.

Na edição passada do BOCA, comentou-se, no mesmo texto acima citado, que a falta de cuidados jornalísticos podem provocar feridas que não mais se fecham, por exemplo no caso da escola “BASE”; que muito resumidamente tratava de denúncias de abuso sexual, relatadas por crianças, que mais tarde comprovou-se não serem verdadeiras. Numa de suas aulas, esse professor comentou o caso da escola BASE e com certo assombro perguntou por que, mesmo sabendo das descobertas da psicanálise amplamente difundidas sobre a sexualidade infantil, nenhum psicólogo ou psicanalista prontificou-se a defender ou pelo menos esclarecer os envolvidos no assunto sobre as fantasias sexuais de crianças?

Assim como deve haver espaços prontos a acolher denúncias e opiniões e, é meu desejo lutar para que eles continuem existindo, deve haver espaços que permitam acolher iniciativas de ação frente às mesmas.

Acredito que esse lugar de discussão é fundamentalmente o espaço público, e ele deve ser preservado e ampliado, como também afirmou Ricardo na última edição do BOCA.

Como futuros psicólogos, ou como atuais portadores de CRP, acredito que devemos tomar cuidado com o excesso de cuidado, correndo assim o risco de confundir responsabilidade com omissão ou, pior, com censura. Porque “se o peixe morre pela boca”, também podemos dizer: “quem cala consente”.

# FINANCIAMENTO DE PESQUISA: O QUE É PRIORIDADE?

Lygia Viégas (pós) - R

Como temos publicado no BOCA desde que o ano iniciou-se, a situação do financiamento às pesquisas do Instituto de Psicologia da USP, tanto na FAPESP quanto na CAPES, PIBIC e CNPq, tem-se complicado cada vez mais, sendo inúmeros os casos de estudantes que solicitaram uma bolsa (de Iniciação Científica, Mestrado e Doutorado) e tiveram o pedido denegado não pela qualidade do trabalho, mas pela crise financeira que assola o país, e, como não poderia deixar de ser, as agências financiadoras. No caso da FAPESP, como publiquei no BOCA recentemente, o candidato sequer é informado de qual foi a sua *posição relativa na escala de prioridades* deles. Sabe apenas que não é prioridade, o que gera grande mal-estar, pois deixa a impressão de que o trabalho de pesquisa é ruim, irrelevante ou mal estruturado.

Para além da redução do número de bolsas, que se revela na dificuldade de se conseguir uma, também tem a questão do (des)valor das mesmas, que não são reajustadas desde o início da década de 1990. Mas esta questão, de extrema importância, é assunto para outro momento.

O que queremos, agora, é compreender a situação do IPUSP no que se refere ao financiamento de pesquisas dos estudantes, tanto de graduação quanto de pós. Por esse motivo, estamos montando um grupo de interessados em realizar um "levantamento do estado da arte do financiamento das pesquisas no Instituto, nos três níveis de pesquisa, visando compreender, mais claramente, o lugar que o IPUSP tem ocupado na escala de prioridade nas agências de financiamento de pesquisa".

Para tanto, estamos elaborando um questionário que englobe

as seguintes questões, dentre outras: quantas bolsas foram solicitadas (no caso de quem não solicitou uma, entender o porquê também é importante, pois há casos de colegas que não entram com o pedido pois não acreditam que vão conseguir), quantas bolsas foram concedidas, por quais agências, quanto tempo demorou para sair o resultado, no caso de pedido denegado, quais as alegações das agências e saber se houve recurso etc.

Pretendemos, por fim, que, a partir dos resultados desse levantamento, ou seja, sabendo qual o lugar tem ocupado nessa escala de prioridades, o Instituto de Psicologia tome um posicionamento institucional frente à situação juntos às agências de fomento à pesquisa.

Esse grupo de interessados já começou a se constituir, contando, por enquanto, com a minha presença, a de Eliana Zucchi, da graduação, e da Anabela, da pós. Nós três realizamos uma primeira reunião na semana passada, quando começamos a delimitar os objetivos dessa nossa pesquisa e as questões do questionário que nos ajudarão a atingir esses objetivos. Mas estamos abertas à entrada de novos participantes, tanto de graduação como de pós, o que viria no sentido de enriquecer e fortalecer o trabalho.

Por isso, convidamos a todos a participarem de nossa próxima reunião, que acontecerá na quarta-feira, dia 15/10/03, das 14 às 15 horas, na lanchonete do IP. Nessa reunião, delimitaremos melhor o questionário, bem como um texto que o apresente. Pensaremos, ainda, em formas de alcançar os alunos e professores do IP, para que todos tenham acesso ao questionário. E como tornar nosso trabalho reconhecido institucionalmente.

Então, até lá!

# COTAS PARA QUE TE QUERO

Mafoane Odara (98) - R

*Quem defende as cotas para afro-descendentes no Brasil o faz por um muito simples e objetivo motivo: dar fim as injustiças sociais e a discriminação racial no Brasil. Este é o princípio orientador dos seus argumentos de defesa. Afirma-se nesse princípio três fatos incontestáveis à história brasileira: a população afro-descendente não goza, e jamais gozou, das mesmas oportunidades desfrutadas pela população branca; a prática da discriminação racial e do racismo constituem fenômenos presentes no cotidiano da população afro-descendente; e, finalmente, a prática de privilégios e discriminação lesam tanto o destino como os direitos dos seres humanos.*

*Tenho ouvido pelos corredores algumas pessoas contra, outras pessoas a favor, mas nunca vi ninguém discutindo a questão do privilégio que ronda a discussão? O que é a meritocracia de que tanto nos orgulhamos?*

*As chamadas políticas de ação afirmativa são muito recentes na história da ideologia anti-racista. Nos países onde já foram implantadas (Estados Unidos, Inglaterra, Canadá, Índia, Alemanha, Austrália, Nova Zelândia e Malásia, entre outros), elas visam oferecer aos grupos discriminados e excluídos um tratamento diferenciado para compensar as desvantagens devidas à sua situação de vítimas do racismo e de outras formas de discriminação.*

**POR ESTA RAZÃO DECIDIMOS EU E O CAII REALIZAR O 1º debate sobre:**

**"Cotas para que te quero!"**  
com Maria Aparecida Silva Bento – doutora em Psicologia pela USP, diretora do CEERT – Centro de Estudos das relações de trabalho e das desigualdades e conselheira do CONSEA – Conselho Nacional de Segurança Alimentar.

**QUANDO?**

15.10 às 12h na sala Aurora.

Venha discutir sobre isso!!!

# Discussão e apresentação: Cursinho Psico-Usp

Mário César-chuchu (01) - R

No dia 16/10, quinta-feira as 12h será realizada uma discussão sobre o Cursinho Psico-Usp.

Esta discussão se pautará nos aspectos históricos e ideológicos, os quais justificaram sua construção, no caráter organizacional do cursinho, sua representatividade e vínculos institucionais e acadêmicos.

O Cursinho surgiu na Psico-Usp com uma proposta política e transformadora, a partir do IAPSI (Instituto de Atividades Psicossociais) e com a finalidade de que alunos pudessem realizar projetos de pesquisa e extensão.

Esta discussão terá um caráter informativo, no sentido de informar os alunos sobre os últimos acontecimentos, a maneira como está organizado e a história desta entidade, e formativo no sentido fomentar uma discussão sobre todas as implicações que en-

volvem o cursinho, como sua representatividade, a participação de alunos da Psico-Usp e seus vínculos institucionais.

É de suma importância a participação dos alunos nesta discussão, pois o Cursinho Psico-Usp, assim como qualquer outro movimento ou entidade estudantil, é composto por estudantes, e a informação que estes possuem deve ser passada adiante para que outros alunos que venham a sucedê-los possam estar cientes de todos os aspectos que envolvem estas discussões.

*PS.: Esta discussão foi combinada entre membros do cursinho Psico-Usp, do CAII, do IAPSI e com e em reunião dos RDs, na última quinta-feira. Por problemas de comunicação, este texto foi escrito apenas por mim (RD do CTA), como representante dos rds.*



Centro Acadêmico  
Vera Lúcia

## BOCA

### Comissão Organizadora

Carlos Hideaki Fujinaga "Batata" (99), Guilherme Gibran Pogibin (98), Jonas Boni (02), José Israel Guedes Rodrigues (01), Paulo Szyszko Pita (03), Tânia (03)

### Diagramação

Paulo Szyszko Pita (03)

### Revisão

José Israel Guedes Rodrigues (01)

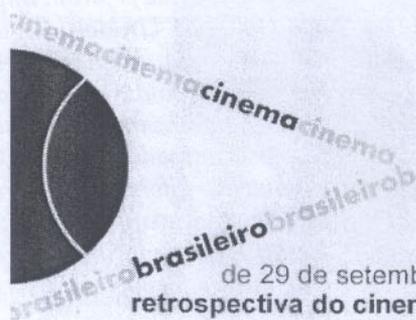
### Publique no BOCA

Envie para [boca@yahoo.com](mailto:boca@yahoo.com) textos anexados como documentos do MSWORD (.doc) ou imagens em preto e branco. Os textos serão publicados segundo critério de ordem de chegada, por categoria.

As reuniões da Comissão Organizadora ocorrem semanalmente às terças-feiras, 13h30. Participe!

## Mostra Cinema Brasileiro

Enviado por Vanessa (99)



O Cinusp apresenta a Mostra Cinema Brasileiro 2003 até o dia 5 de novembro.

Durante todo o mês de outubro serão apresentados filmes nacionais que estiveram nas telas durante este ano: Dois Perdidos Numa Noite Suja, Durval Discos, Houve Uma Vez Dois Verões, O

Homem Que Copiava, Cidade de Deus, Madame Satã, Desmundo, O Príncipe, Ônibus 174 e Carandiru.

No dia 30 de outubro haverá uma mesa de debate após a sessão das 19h00 com o tema "O Cinema Brasileiro". Os debatedores serão Alain Fresnot (diretor de "Desmundo"), Ugo

Giorgetti (diretor de "O Príncipe"), Ismail Xavier (Prof. ECA-USP); Rubens Machado (Prof. ECA-USP) e Maria Dora Mourão (Profa. ECA-USP).

A ficha técnica dos filmes e a grade de horários podem ser obtidos no telefone de Informações 3091-3540/3152.